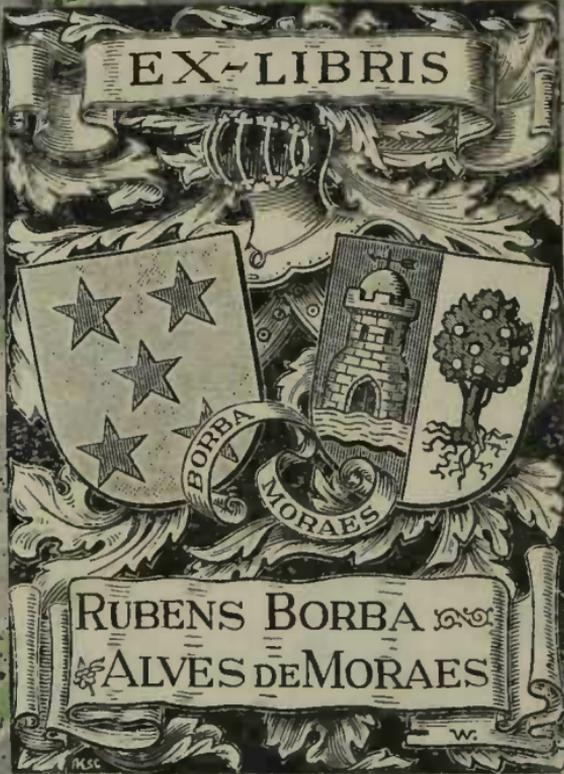
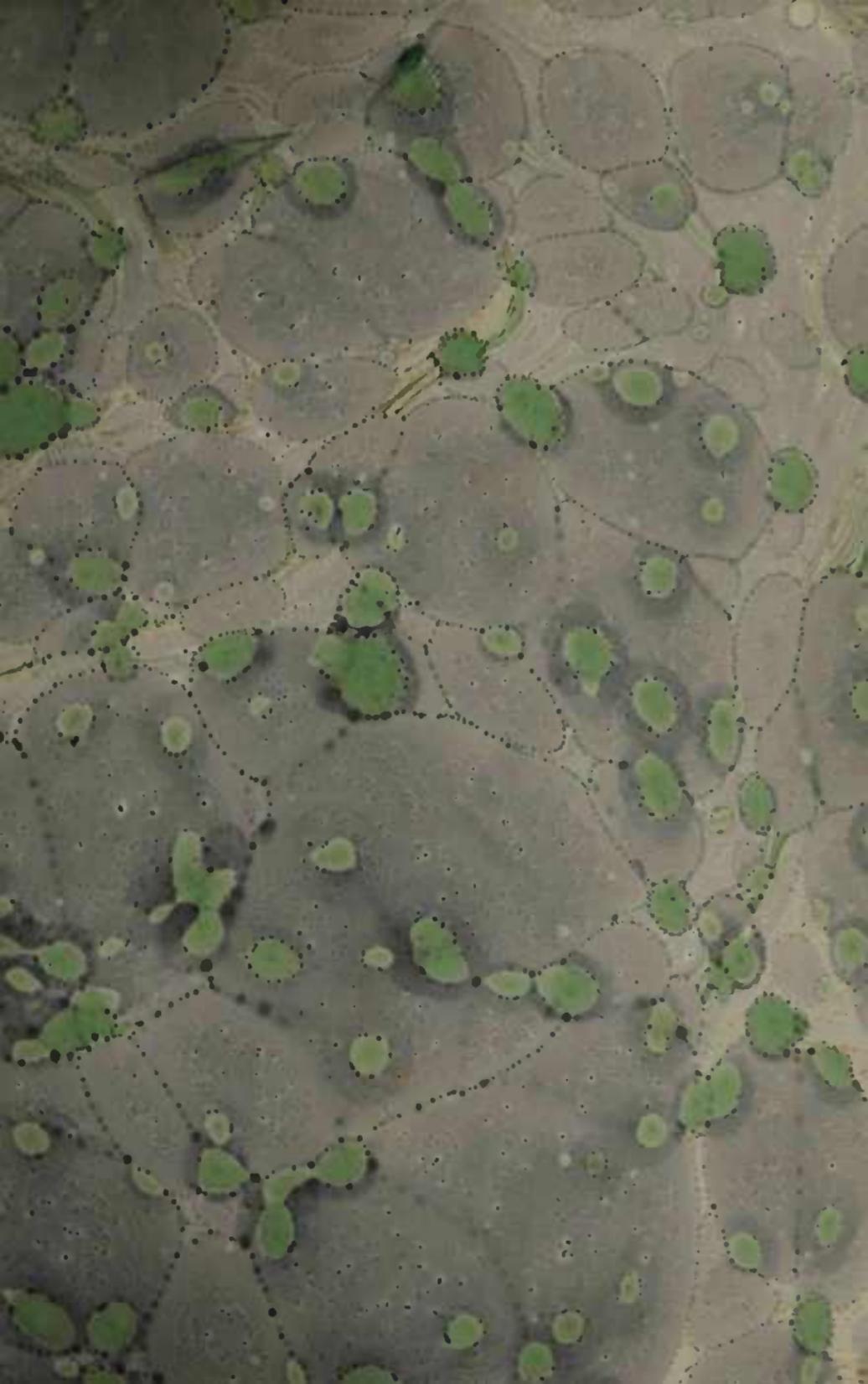


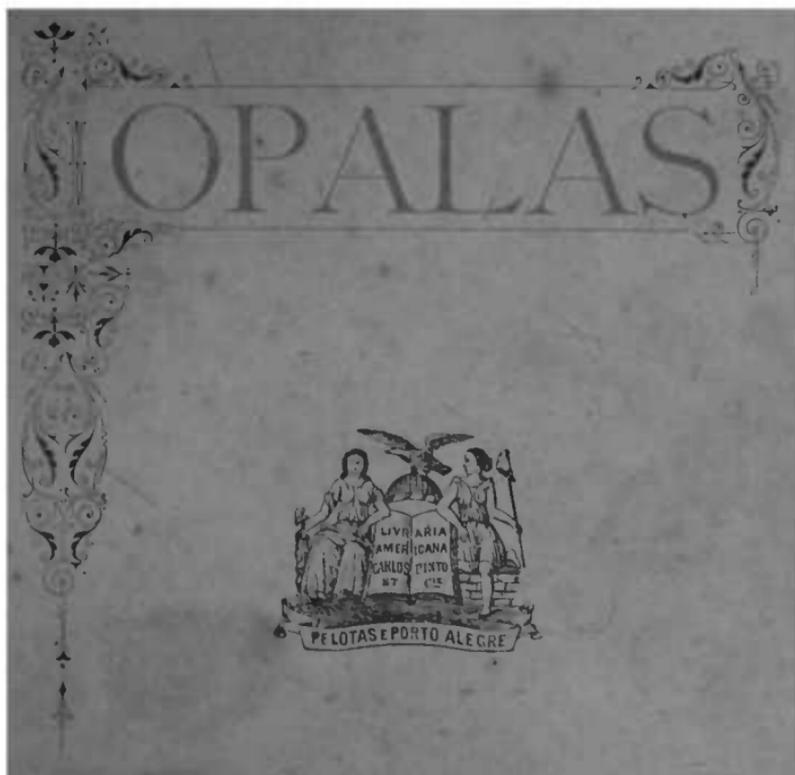
EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



FONTOURA XAVIER



MDCCLXXXIV

EDITORES — CARLOS PINTO & C.

PELOTAS E PORTO ALEGRE

O P A L A S

FONTOURA XAVIER

OPALAS



MDCCLXXXIV

EDITORES — CARLOS PINTO & C.
PELOTAS E PORTO ALEGRE

A' MEMORIA DE MEU PAE

OPALAS

Occupamos aqui o lugar que estava reservado a um que é hoje morto — Arthur Oliveira. Da lembrança dos que o conheceram certo se não terá apagado aquella extranha figura, cheia dos arrebatamentos da febre, da louca furia da arte. Era um possesso do bello, alma cheia de inaginação — e só de inaginação — unidade terrivel e compromettedora para a lucidez do espirito e para a saude do corpo. O resultado é que elle desapareceu, tendo a sua existencia sido apenas o promettimento de uma grandeza, que não apoucarão jamais as considerações do scepticismo irreve-

rente e do materialismo d'aquelles que só en-deosam os vencedores, e não têm lagrimas de saudades pelos heroes vencidos. O mundo grego — ao qual tinhas tanto amor, pobre moço mallogrado — diria de ti pela bocca de Homero que foste amado de Zeus, pois que te arrancou joven á vida. Todavia uma apostrophe de Ajax diria tambem que te faltou a gloria promettida aos que cedo abandonam este mundo.

E é essa a dor maior dos que te conheceram e estimaram ; tanto mais pungente para nós quanto, comparando-o ao teu poder de criação artistica, é pobre e frio o que podemos imaginar do que aqui dirias, na tua prosa deslumbrante, prefaciando as poesias do nosso bello e commum amigo Fontoura Xavier.

A Arthur Oliveira não succedemos, pois, senão no empenho de amizade : o acervo dos seus bens litterarios levou-os elle ao tumulo, como os guerreiros fetichistas levavam as suas armas de guerra — as socias da sua tarefa na vida.

Temos mais a dizer. O afastamento da litte-

ratura contemporanea, em que não encontramos a satisfação das nossas necessidades estheticas; as nossas convicções em materia d'arte; os nossos preconceitos e o ideal que nos atrevemos a conceber ácerca dos destinos da poesia — nos tornam inhabil para o desempenho da missão que já hoje é nossa, — por extrema benevolencia de Fontoura Xavier.

Mas escreveremos conforme pensamos.

O leitor conhece Fontoura Xavier. E' um adepto da vária poetica dominante. Como tal, as suas qualidades e os seus defeitos são communs á totalidade dos poetas contemporaneos; mas notaremos o que n'elle houver de mais preciso ou *accentuado*.

A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando preeminencia aos dois inferiores, isto é, ora á expressão, ora á observação. D'esta fôrma é prejudicada a idealisação, — operação essencial da poesia, embora toda a synthese poetica

deva repousar sobre a observação da existência real.

Mas a razão da confusão apontada vem de que não se precisa até onde as condições da realidade objectiva devem ser respeitadas, ou o que importa aproveitar do que existe concretamente, para d'ahi induzir o typo d'onde se deduza a construcção final — destinada a provocar as emoções estheticas.

Ora, essa theoria é dada pela consideração do fim real da arte — que é o aperfeiçoamento da nossa existencia moral, e resulta da contemplação da obra esthetica da Humanidade.

Se a considerarmos, pois, sob o primeiro aspecto, isto é, em relação ao objectivo da producção artistica, veremos que o que unicamente não pôde ser violado é o que se destina a preencher esse fim, isto é, o conjuncto de leis que regulam a existencia moral. Uma vez n'este ponto da elaboração da theoria da arte, podemos sem custo generalisal-a, e chegaremos á sua formula verdadeira, que é : o desprezo das leis inferiores e o respeito estricto das condi-

ções da vida superior. Releva notar de passagem que a serie de processos logicos que se deve seguir — e espontaneamente é seguida — nas construcções poeticas é precisamente a das indagações scientificas.

Mas vejamos como a contemplação do thesouro esthetico da Humanidade — producto espontaneo empiricamente formado e de que só depois o genio abstracto deduziu as leis — confirma esta doutrina.

Nas diversas fórmãs e phases da arte humana vemos que o que predomina como elemento capital é o assumpto — seja desenvolvido de qualquer maneira. Vemos tambem que esse assumpto é sempre synthetico — o que não se poderia dar reduzindo a poesia á estricta obediencia da observação concreta — por si variada e confusa. O assumpto artistico — da architectura, da esculptura, da pintura, da musica e da poesia propriamente dita — é, mesmo nas suas primeiras e mais cathgoricas manifestações, puramente religioso, isto é, o superior e mais synthetico. Quando a dissolução do

velho regimen theocratico separa a arte do ramo sacerdotal, ella não abandona de modo algum o seu dominio religioso, e continúa na Grecia a idealisar o Olympo. Finalmente, embora accentuando-se as suas tendencias dispersivas — é sempre a existencia moral e social que ella idealisa — fazendo convergir para o homem a propria idealisação das leis cosmicas. N'outras palavras, ella é sempre *anthropocentrica*, para nos servirmos de uma expressão corrente.

Esta incompleta e rapida contemplação revela que, nas obras d'arte, o assumpto idealisado é o primordial elemento, e que a observação não suggere senão dados esparsos, que o genio poetico trata, sujeitando-se unicamente á lei de respeitar o superior e desprezar o que é inferior.

Uma consideração final tornará mais claras as nossas idéas.

Imaginemos que no poema de Dante — perdoem-nos a blasphemia — Beatriz é apresentada como um typo sujeito a todas as con-

dições da vida biologica, ao passo que a sua existencia moral não apresenta aquella pureza e ternura que a fazem soberana. — Não haveria nada menos artistico.

Entretanto, na construcção de Dante, a figura de Beatriz vive desprendida das necessidades da existencia biologica. — Isso não irrita o senso popular. Mas as leis moraes foram respeitadas, e dirigida a sua idealisação ao fim de commover-nos aperfeiçoando-nos. — Isso constitue a imperecivel belleza da creação do poeta.

Mas, como dissemos, ainda a poesia contemporanea — faz que a expressão sobreleve ao assumpto.

Essa tendencia tem uma explicação, que em parte é uma justificativa.

A emancipação crescente do espirito humano, afastando-o do theologismo, entregou-o livremente á sua espontaneidade primitiva. Essa revolução reflectiu-se na linguagem, creação antiga e espontanea da Humanidade, e

em que se mantiveram os traços da existencia primitiva. Então a linguagem litteraria — rompendo com os caunones classicos — approximou-se da linguagem popular, cujo processo de expressão essencialmente subjectivo e sentimental coincidia com as verdadeiras condições do processo artistico. O homem, livre do amor a Deus, recomeçou a dizer as velhas phrases fetichistas de amor á natureza-mãe — viva e animada d'uma benevolencia providente.

Esse enriquecimento da linguagem poetica, coincidindo com o apuro dos processos do estylo, dada a reduçãõ do valor do assumpto idealisado, trouxe, porem, *obcessão da phrase*. Dizer d'um modo original e frisante, d'um modo impressivo e extraordinario, tornou-se o cuidado principal dos poetas e prosadores; e com isto a sobriedade, a perspicuidade e a clareza deixaram de ser as virtudes do bom estylo. Se a pintura tornou-se mais brilhante e grandiosa, perdeu em verdade e em exactidão de proporções e de planos. As grandes pinceladas da metaphora fizeram dos quadros — verdadeiras

scenographias, uma especie de *trompe l'œil* caprichoso, uma encenação de opera, e não a sincera e serena pintura — grandiosa quando convem, e opportunamente simples.

A summa d'estas considerações dá a idéa do que, segundo o parecer que adoptamos, se obtem em resultado da evolução da arte contemporanea : a riqueza d'um estylo a corrigir nas suas infidelidades, a capacidade para fazer observações parciaes, cujo aproveitamento deve ser muito discreto.

Dissemos que apontariamos o que mais saliente se nos figura haver no poeta Fontoura Xavier. Ao par da sua metrificacão correctissima e do seu estylo brilhante, elle tem ainda uma alta qualidade, a nosso ver, a mais recommendavel de quantas possui : é a tendencia, o grande ardor social que se revela nas suas poesias.

A um dos muitos e varios ramos da arte contemporanea essa tendencia é commum, e

d'ella surgiu o que se chamou a poesia socialista.

O phenomeno é digno de nota. Ao passo que uns reproduzem a vida vulgar, outros, sentindo, embora presos á corrente geral do realismo, a soberana importancia do assumpto, buscam traduzir as aspirações, as ancias, as blasphemias e a vaga esperanza do moderno viver social.

Cumpré notar que esta escola, surgindo em fins do seculo passado, abrilhantou a primeira phase da poesia contemporanea, dando-nos a idealisação do homem livre do theologismo — livre, mas, ao mesmo tempo, rebelde, e — fazendo como o liberto — da sua liberdade o uso digno d'um escravo.

Mas o que domina n'esse aspecto da poesia contemporanea é o seu vago sentimento do verdadeiro destino da arte, o qual afasta-a da vulgaridade e do rebaixamento.

E é aquelle caracter que se nota quasi sempre em Fontoura Xavier: o seu amor da Patria, o seu sentimento de liberdade, a sua

indignação em presença das miserias actuaes e a sua forte aspiração d'um futuro melhor, em que a justiça será a lei e terá desapparecido do mundo a velha iniquidade. E, levado naturalmente d'essa oppressão do viver hodierno, elle, ao mesmo tempo que divisa os altos cimos do longinquo futuro, volta ao passado os olhos turvos das lagrimas de gratidão pelos trabalhadores emeritos. — Não poderíamos esquecer aqui as suas bellas estrophes a Tiradentes, repassadas d'um sentimento simultaneamente terno e forte — como a dôr varonil dos que enterram o companheiro de luctas e tornam prestes para onde mais acceso vai o pelejar.

Era n'esse vasto campo que desejavamos vê-lo sempre. A sua alma verdadeiramente poetica ha de comprehender que os costumes modernos não são susceptiveis de idealisação vivaz; e na historia elle encontrará o manancial inesgotavel das grandes emoções.

Riante antiquité ! beauté toujours nouvelle !

Essa é a necessidade do artista moderno:

só na contemplação do passado elle encontrará os elementos de obras impereciveis. E' n'essa successão de paineis terriveis, grandiosos, tristes e esplendidos que o poeta de hoje deve ir buscar a scena que o seu genio opulentará — o segredo do nosso coração e da sua gloria. Assim é que, ha sete para oito seculos, procedem os eleitos da Arte, e d'elles é que sabemos que o homem não perdeu a sua força esthetica.

ANNIBAL FALCÃO





M U S A | L I V R E



*Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem — saudei-a.
Gonfaloneira das raças,
Sonhei-a no pó das praças.
Medeia, à frente das massas,
Na mão o facho da Ideia,
Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem — saudei-a.*

MUSA LIVRE

Eu adoro-a depois. no epilogo da lucta,
Quando, cheia de febre, apparição da taça!
Ella surge entoando uma canção devassa
Como as deusas pagans, a druydica polluta!

E, cahida a seus pés, a multidão que a escuta
Julga ouvir a mulher, a cortezan da praça!
Orgiaca infeliz! a turba, inerte e lassa,
Desconhece a visão, sublima a prostituta

Eu, não! quando em delirio aquelle vulto assoma,
Aos hombros sacudindo um turbilhão de coma,
E chocam-se os crystaes como armas em batalha,

—Deslumbra-me o phantasma anthartico da Wille!
Sonho a plebe a rugir a musica de Lisle
E saúdo em Marion a musa da Canalha!..

T I R A D E N T E S

(A minha mãe)

Não vêdes, muito além, pelo dormir das éras,
Um vulto de titan coroado de esferas,
Um oceano que dorme ás plantas d'um vulcão ?

Sabeis-lo, é sobre a historia. Horrendo como o Douvre,
Abrigo do trocaz e antípoda do Louvre
O rochedo de luz chamou-se — Convenção.

Quando a Revolução — o espectro de Gorgona! —
Alou-se desse abysmo e appareceu á tona
Calcou-lhe desgrenhada o tragico sopé.

O mar como Saúl irava-se nas harpas,
As ondas em roldão varreram-lhe as escarpas
E a deusa resurgiu no pincaró — de pé.

Sorriu: como que o sol pairava sobre o monte;
Tingiram-se de sangue as fimbrias do horisonte
E o mundo ouviu, tremendo, a trompa de Galaar...

No centro do vulcão, como uma forja acesa,
Mil boccas de clarins cantando a Marselheza
Sopravam nos siphões electricos do Mar.

Era horrivel de ver-se o monstro enfurecido,
Heroico, marcial, esplendido e ferido,
Bramindo de feroz, rasgando-se de dôr . . .

Quando a vaga descia essa eminencia estranha
Formava a legião : chamava-se — *Montanha,*
Gironde, Cordeliers, — phantasmas do *Terror.*

E marchavam, então, tomados de furores,
Batendo nos fuzis, rufando nos tambores,
Desfraldando pendões, cantando o *Ça-ira...*

A grande apparição, medonha, illuminada,
Parecia emboocar a tuba immaculada
Do archanjo convocando ao valle Josaphat.

Era em meio a tragedia ; Ella só, sobre o palco,
Como a grande inscripção de um grande catafalco,
Rasga a pedra a cinzel e lê : *Noventa e tres.*

Entre bravos da plebe e braçadas de flôres,
Na febre do delirio, os craneos dos actores
Juncaram-lhe a ribalta — *excentricos bouquets!*

Foi quando *Elle* surgiu. No cimo da cratéra,
Rodeada de fogo, a Deusa estremeceira
Se visse aquelle espectro em frente de Paris.

Elle tinha accordado á sanha da Leôa,
Muito embora de longe, ergueu-se, saúdou-a,
Que a fronte resvalou na tunica da Actriz.

Era cedo, talvez. Mas que barreira ingente
Iria oppôr-se á lava, á lava incandescente
Quando a chamma aterrôra á guela do vulcão?

Que braço de colosso ou peito sobre-humano
Iria impôr silencio á bocca do oceano
Quando o visse rugir, rugir como o leão? . . .

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo
Como um labéo de morte á face dos heroes. . .

Descerra o Pantheon, acende o alampadario
E leva aquelle morto ao fóco planetario
Dessa constellação phantastica de sóes.

O VELHO DEUS

Sumiu-se a noite, a negra taciturna,
 Illuminou-se o ar ;
Lá vem o sol como um leão da furna
Descrévendo a parábola diurna
 Aos rythmos do mar !

E's o mesmo das éras triumphantes,
Quando entravas nas furnas que eram casas,
E zurzias o dorso dos gigantes

Com raios flammejantes
Como styletes de crystaes em brazas ;

Quando á tarde pairavas pelos montes,
Rubro e sangrento como vens aos tropicos,
Espadanando luz nos horisontes

E bebendo nas fontes
Tintas de sangue dos heroes cyclopicos.

Nós, sim, não somos d'essa raça inteira
Que, n'um templo mais vasto, no infinito,
Sagrava-te aos clarões de uma fogueira
A divindade unica e primeira,

O Jehovah do rito ;

Filhos bastardos de titans immensos,
Fizemo-nos tão grandes, tão atheus,
Que mal ascende o fumo dos incensos

Julgamo-nos suspensos

Além dos mundos tacteando Deus.

Ha não sei quantos seculos agora
Que te fecham a porta as cathedraes ;
Quem quizer adorar a tua aurora
Precisa vir cá fóra,
Que de ti nem se falla nos missaes,

Até hoje os teus raios aos milhares,
Como guerreiros mudos,
Cahem contra esses templos seculares
E saltam pelos ares
Como laminas d'oiro contra escudos.

Pudesses penetrar n'aquelles muros,
Como um anjo da guarda,
Batendo a revoada dos auguros
Como se faz em fôjos mais escuros
A tiros de espingarda ! . . .

Eles lá pairam feros, esfaimados,
Junto ao cadaver que cahiu no horto,
Retalhando virtudes e peccados,
Como um bando de córvos agachados
Sobre um cavallo morto.

E se é certo que partem ao mendigo
Inda o pão de Jesus,
Tambem deviam commungar contigo
Que ha não sei quantos annos, velho amigo,
Lhe multiplicas luz.

Já vi surgires ao romper do dia
Batendo n'uma porta,
Que a lufada da noite intensa e fria
Persequira bramindo, — e ali jazia
Uma creança morta! . . .

Sempre tens um pedaço do teu manto,

Um farrapo de luz para a miseria !
E eu nunca vi a purpura de um santo
 Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria !!

MASSAS DE BRONZE

(A Luiz Delfino)

Não foram dois heroes mas foram dois chacaes !
Fizeram-se no tempo em que uma tyrannia
Co'a descarnada mão da morta monarchia
Esbofeteava a Lei nos fôjos imperiaes !

Eram dignos um d'outro os miseros rivaes :
Emquanto um, menos nobre, á infamia se vendia
O outro, Judas vil, as suas leis trahia
Roubando uma corôa á frente de seus paes ! . . .

Hoje, feitos de bronze e erguidos pelas praças
Para gloria dos reis e insulto ás populaças,
Um — cospe desdenhoso escarneos á Nação ;

Emquanto, sobre o pó do funebre banquete,
Outro — tenta apagar co'a pata do ginete
A luz da liberdade e a sombra d'um Catão !

Rio de Janeiro

ORPHÉE AUX ENFERS

Subia o panno acima. A musa da alegria
Illuminava o rosto á prazenteira *claque*,
E deuses e vestaes da morta theogonia
Vinham dansar em scena aos cantos de Offenbach.

Ao despedir a orchestra as notas delirantes,
Borrados arlequins lascivos como Pan,
Nos braços — espiraes d'um grupo de bacchantes
Saltavam, sem pudor, na febre do can-can.

Era a satyra viva, a satyra pungente,
Levada no delirio aos baixos entremezes,
Expondo ao riso alvar da geração doente
A crença dos fieis dos fabulosos deuses.

Então esses heroes divinos das florestas,
Outr'ora adoração e crença dos pagãos,
Tornavam-se truões que em delambidas festas
Viviam de espancar o tédio dos christãos.

E as grandes ovações áquelles decahidos
Traziam-me á lembrança o barbaro selvagem,
Que vinha sapatear na tumba dos vencidos
No campo onde travara o prelio da carnagem.

Podeis dormir em paz, ó legião sagrada!
O' Jupiter, Plutão, titans da fé pagan!...
E como tudo marcha ás solidões do nada
Inda ha de rir de nós o crente de amanha.

O IMPERADOR EM MINAS

(A Barros Cassal)

Quando elle ha pouco andou pelos confins de Minas,
Exhibindo-se alli sobre um cavallo a trote,
Coalharam-se de gente os serros e as collinas,
E, como as procissões, ao largo das campinas,
Todos viram passar o novo Don Quixote.

Todos viram-u'ó em meio á comitiva ovante,
Por invios matagaes e por sertões desertos.
Com seu busto de neve e porte triumphante,

Como esse de SAVEDRA heroe do ROSSINANTE,
Saudando as multidões e os povos boquiabertos!

Da mais humilde choça aos grandes povoados
Todos vinham correndo a vel-o na passagem;
E mostravam-n'ò as mães aos filhos desolados,
E os filhos a tremer olhavam-n'ò espantados
Como se vissem n'elle um animal selvagem!

Á LIÇA

(Num livro de Theophilo Dias)

Bardo ! o cantar sómente o collo nú da amante
Não diz co'a evolução do seculo gigante !
 Emquanto tu sorris
 De uns olhos sensuaes,
 Nos lobregos covis,
 Nas furnas imperiaes,
Accende a realeza a colera tigrina
E sedenta e feroz ! na lucta que a domina

Arroja-se de encontro á nossa irmã Justiça
Tentando-a sepultar no chão da enorme liça !

E, sabes, a Justiça é o sol da Nova-Idéa,
A Musa varonil da homérica epopéa ! . . .

1876

AVE, ITALIA !

A proposito da morte de Pio IX

(A Lopes Trovão)

I

Quando a patria dos Cesares devassos
Surgia á luz, das epochas lendarias,
Rojando pelos tumulos dos párias
Os frouxos membros lassos,

Pejava o ar um manto de negrume :
As Déboras previram sobre Roma
O biblico castigo de Sodoma,
A chuva de betume.

O réprobo das gentes,
O diabo, cheio d'um terror titanico,
Velou-se como os Néros impotentes
Nas purpuras do panico !

Foi quando, á vóz de Deus e do Direito,
Naquelle enorme temporal desfeito
Vibraram contra a Italia,
Como o guante sinistro do passado,
A hybrida sandalia !

Ao écho desse golpe subitaneo,
A Italia, como um corpo esquartejado,
Boiava á flor do mar Mediterraneo.

A santa marinhagem da Judéa
Acorrentara a não do Despotismo
A's ancoras da Idéa.

Iluminou-se a terra—o fundo abysmo!
Os regulos das novas Escripturas,
Para acalmara sêde da Sciencia,
Applicaram ao sabio visionario
—O Colombo incessante das alturas—
Um jorro d'agua benta na consciencia!
E a prédica dos *martyres* aos crentes
Explicava o systema planetario,
Ao brilho amortecido dos pingentes,
Pelos *sete-mysterios* do rosario!

Deus! o vago ideal da Humanidade,
Por quem os grandes cerebros profundos.
Armados da Sciencia e da Verdade,

Interrogavam pelagos de mundos,
 Veio á luz como um misero monstrengo,
 Expor-se ao guiso, á chança dos ridiculos,
 Ao toque indecoroso nos testiculos
 De um torpe camerlengo !

Pela face do mundo espanejára .

... ..

Escarneo dos destinos !

Os baculos, as mitras, a thiara,
 Pelas linguas brunidas das espadas,
 Soletravam os codigos divinos,
 Dictando leis ás gerações passadas !

E a Humanidade, como um martyr novo,
 Vinha de Roma, do covil do vicio,
 Sob o cadaver livido d'um povo,

Tropega vil, a passo mal seguro,
Aos magicos clarões do santo officio,
Ao verbo flammejante do papado,
Bater á negra esphinge do futuro
— Inexoravel tumulo cerrado !

Ao desfilhar aquelle grande enterro
O sol da Redempção erguido a pino
Vibrava raios nos covis do Erro,
Como espadas polidas d'aço fino.

A Italia, como os pallidos dormentes,
Incendidos os animos convulsos,
Ergueu-se livre estortegando os pulsos,
E fundidos os élos das algemas
Tombaram como laminas candentes
Sobre a fronte dos santos diademas !

II

Padres! vamos! dizei-lhes. á Canalha,
Que inda tendes as armas de batalha :
Uma cruz erigida sobre o solio,
Agua benta das pias no recéso !. .
—Crucifiquem o despota—Progresso,
—Afoguem o facinora—Petroleo!

A bronzea bateria do Axioma,
Assestada de ha muito contra Roma,
Deitou por terra o dogma do mysterio !
Justiça ! empunha a lamina bemdita,
Grava no azul da abobada infinita :
Parce sepultis, Cesar megatherio !

As almas do peccado sanguinarias,
Já se não banham — torpes alimarias —
Nas aguas milagrosas da Piscina.
As Crenças, como as aves foragidas,
Retomaram o vôo das ermidas
Para os vastos solares da Officina !

As cathedraes tristonhas, solitarias,
Semelham grandes urnas funerarias
—Hyperboles da morte triumphantes !
Onde o bronze soturno dos vencidos
Prantêa, em côro amargo de gemidos,
Uma phalange morta de gigantes !

Silencio, mochos lugubres do Erro !
Além assoma o cyclope de ferro,
Cheio de cantos ennuclando o espaço ! . . .
Dir-s'ia que o Progresso temerario
Responde ao vosso choro mortuario
Co'as vibrações de uma *ironia d'aço* !!

O Maelstron das novas theorias,
A fervilhar em coleras sombrias,
Rasga a fauce sedenta de naufragios !.
—Borgia, salva a baixella dos altares
E bebamos, senhor dos lupanares,
A' saude dos ultimos Pelagios !

A tortura das práticas divinas
Dorme o somno pesado das ruinas ! . . .
Ergue-te emfim, ilota ! populaça !
Talha o lucto nas chlamydes sagradas,
Entôa o *dies-iræ* das ossadas,
Além é mais um feretro que passa !

Soou-te, emfim, a hora da vingança !
O prestito dos Cesares avança
Já no termo da grande trajectoria . . .
—E o cadaver senil da monarchia
Ahi vem caminho da mansão sombria
Do necroterio tábido da Historia !

FIAT LUX!

Sua magestade, a rainha de
Portugal, matou um coelho.

(Correspondencia da Europa)

**Assombro! . . . O mundo velho, o tropego devasso,
No extremo agonisar se viu, de espaço a espaço,
Curvado para o chão, batido pela dôr,
Mandar ao mundo novo um grito de terror!
A musculosa mão da féra tyrannia
Guiava contra a Servia a garra da Turquia.**

A França enfileirava os grandes esquadrões
Para bater em tempo enormes legiões
Postadas, ferro em guarda, ás portas d'Allemanha.
Dom Carlos, um bandido, erguia-se na Hespanha.
De Roma imprecações partiam para os ceus.
Cheirava a sepultura o successor de Deus.
O baixo poviléo, ao som de martelladas
Erguia contra os reis immensas barricadas.
A Lei era a Cora coberta de ouropeis,
Mercadejando o corpo a troco d'uns mil réis.
A honra, a consciencia, a moda dos banqueiros
Não eram muito mais que uns falsos moedeiros.
O juro, as inscripções, a praça, os capitaes
Dormiam com os reis em grandes bacchanaes.
A imprensa e a tribuna, as artes e a Sciencia
Iam atraz da lei da honra e da consciencia.
Vinha tragar a terra esta panthera—o Mal.
A Ordem tinha herdado um catre no hospital.

E o mundo velho assim em convulsões enormes
Mandava ao mundo novo uns gritos desconformes!

Mas quem diria ? !... Assombro ! ! um coelho e nada mais

Foi-lhe restituir a sua antiga paz ! . . .

Abençoado seja aquelle santo dia !

A Magestade, emfim, fez bem a pontaria.

S. Paulo—77

JUNTO DE UM MORTO

(A Affonso Celso Junior)

Tudo é baldado, tudo, inteiramente tudo !.
Apostrópho, interrogo, exaspero-me, grito,
Vou da areia ao abysmo e da vaga ao granito,
Tudo é silencio e paz, tudo é sinistro e mudo !

Vou. remonto-me ao Cháos, á Chaldéa, ao Egypto,
Ao sarcophago, á esphinge... estudo, estudo, estudo...
Mas a pedra, o papyro, a sciencia a que alludo,
Ninguem,ninguem me diz onde existisse o mytho !...

O olympto inteiro é morto. O ar, a terra, o fogo. .
Tudo que sinto e vejo, interpello, interrogo.

E' morto o grande Zeus !

Vae tacteando na lucta a consciencia humana !
—Morto, tu que desceste ao golfão do Nirvana,
Responde : achaste Deus ? !.

EL-REI CARTAPHILO

(A Urbano Duarte)

Cartaphilo da lenda,
Lançaram-lhe não sei que anathemas enormes
Que elle anda toda a vida a errar de senda em senda
Cingido fielmente á letra da legenda,
Como o judeu de Worms.

O mundo boquiaberto,
Vê passar a correr esse lépido bipede .
Mas, devôre um oceano, atravesse um deserto,

Sempre em volta de nós ou mais longe ou mais perto
O Cesar-velocipede ! . .

—Intérmino pampeiro,
Se procuras a Mob do reprobato maldicto,
Do caminho a seguir não é esse o roteiro,
Segue além.. muito além, na estrada do infinito,
O' regio forasteiro ! . . .

A MORTE DE GÉRARD DE NERVAL

(A Annibal Falcão)

Qui sait si le noir plumage de l'oiseau, son cri funèbre, le nom patibulaire de la rue, l'aspect épouvantable du lieu, ne parurent pas à cet esprit, depuis si longtemps en proie au rêve, former des concordances cabalistiques et déterminantes, et si, dans l'âpre sifflement de la brise d'hiver il ne crut pas entendre une voix chuchoter : C'est là...

Th. Gautier. — GÉRARD DE NERVAL.

Num becco da cidade, onde o vicio transborda
Como de vasa immunda o lixo da sentina,

Foi que elle amanheceu, pendente de uma corda,
Suicida, enlaçado ao lampeão d'uma esquina.

Ninguém se apercebeu do morto macilento
No centro de Pariz, esse mundo tamanho,
E o cadaver passou toda a noite ao relento
Oscillando ao lampeão como um pendulo estranho.

Tinha branco de neve o chapéo na cabeça
Como um largo *abat-jour* á frente embaciada,
E cobria-lhe a lingua uma camada espessa
Como a ferrugem cobre a folha d'uma espada.

Envolvia-lhe o corpo inerte, inanimado,
Como um flóco subtil, um sudario de neve...
Veio um corvo abatendo o seu vô pausado
E poisou no chapéo, amassando-o de leve

A *chimera* roaz do seu melhor soneto
Não fôra receber-lhe o derradeiro alento,

Quem sabe o que queria aquelle corvo preto
Que appareceu grasnando o primeiro *memento*?

E Nerval parecia o espectro flammejante
De um canto de ballada, um cavalleiro antigo,
Armado ponto em branco, o elmo radiante,
Esqualido, de pé, na guarda do inimigo! . .

Parecia mais bello : em crépe de neblinas
Era como os heroes dessas lendas do norte,
Que, nos lagos azues povoados de ondinas,
Aportam do paiz nostalgico da morte! . . .

Acordou-se Pariz e estatelou absorto
Em frente áquelle novo e tragico espectaculo . . .
O corvo esvoaçou: reconhecido o morto,
O povo poz-se a rir do membro do *Cenaculo*!

Ah! quando elle espraçou-se em seu vôo sereno,
Desfez-se o encantamento— o negro capacete . .

E foi porque lembrou-lhe um paladim do Rheno,
Que a França poz-se a rir do interprete de Goethe!

LUX ET TENEBRA

(A José do Patrocinio)

Eu nunca dei ouvido á voz do campanario
Chamando o cenobita ás cathedraes da cruz ;
Mas hontem quiz ouvir a lenda do Calvario,
Narrada por um santo e velho missionario
Em honra de Jesus.

Do antigo templo á porta a livida miseria
Erguia para o ar a descarnada mão,

Com aspecto infeliz de uma expressão funérea,
Mostrando tristemente as chagas da materia,
A mendigar o pão.

Uns macilentos cães tristonhos, compassivos,
Em frente descansando a uns pobres aleijões,
Pareciam dizer, assim contemplativos,
Que lhes moviam n'alma os appetites vivos
Aquellas podridões.

Creancinhas sem côr, esfarrapadas, nuas,
Que vão do berço ao catre immundo do hospital,
Dormiam com as mães no macadam das ruas,
Emquanto iam soffrendo as deleterias puas
Da fome bestial.

E os nobres corypheus de umas grotescas lendas,
Por entre os empuxões do bando dos fieis
Passavam, com o peito armado de commendas,

Ao pé d'aquellas vis e tragicas legendas
Pesados como os reis.

E as divas sensuaes, electricas, franzinas,
Ao verem na miseria o seu nefando fim,
Co' a graça peculiar ás damas libertinas,
Volviam febrilmente as faces purpurinas
Manchadas de carmim.

Lá dentro, entre o latim d'um homem mercenario,
Mais junto ao altar-mór da velha cathedral,
Ouvia-se o fremir do luxo tumultuario,
O riso de entremez do labio do frascario,
A voz de Belial.

E aquelle, que se chama o pae dos pequeninos,
E Deus da humanidade, o pallido Jesus,
Emquanto ás leis da fome andavam os meninos,
Estava no esplendor dos ouropeis divinos
Pregado n'uma cruz! . . .

Se é certo que prégaste a tua divindade,
O' Christo! dá de mão aos mandos de Mastai;
Transforma n'uma escola o templo da vaidade!
E, já que queres ser o Deus da humanidade,
Oh! sê tambem o pae! . . .

1877

MONOLOGO DE UM SCEPTICO

(A Mariano de Oliveira)

Deus, retira-te! porque desde hoje emancipado do receio de ti e tornado sabio, eu juro, com a mão estendida para o céo, que tu não és mais do que o carrasco da minha razão, o espectro da minha consciencia.

Proudhon

Cerrei de todo á luz as portas do meu craneo !
Se as abro a um pensamento, invade-me um *senão*;
Assim, que exista lá, como n'um subterraneo,
Uma lanterna só... que seja-me a Razão!...

Nós não tememos nada ! Entanto, subitaneo,
Da treva em que elle jaz, do horror da escuridão,
Póde assaltar-nos sempre esse *Nada* titaneo,
Chumbar-nos as polés — Remorso — Expição ! . . .

Quando adormeço um pouco eu tenho horror ao somno ;
Eu sei que aquella luz esvae-se no abandono,
Que já se foi assim a mais de mil atheus ! . . .

Razão ! pensar que tu te vaes !... desamparar-me!..
Ah, nunca!... Em guarda ! em guarda, ó meu fiel gendarme !
Não quero que penetre esse sophisma — Deus ! . . .

A' MORTE DE UM HEROE

(Pompilio de Albuquerque)

Paladino da luz! o verbo do resgate
Ha de em breve soar na arena do combate;
E teu nome que vem dos carceres do crime
Oh! talvez não encontre a tuba que redime
Os vencidos da morte. A pagina-epopéa
Desconhece os heroes das Tavolas da Idéa . . .

Mas teu crime qual é?... Tua sombra o que deseja? . .

Combateste o poder do Cesar e da Igreja . .

As ameias do Erro — a indomita muralha —

Escalaste-a, cantando os hymnos da Canalha .

Cahiste, como um bravo, ás portas do Futuro.

Descansa ! E' já de mais, ó martyr obscuro ! . . .

A' GUERRA !

(A Julio de Castilhos)

A vossa santa paz, ó cesares da guerra,
 Enfada a multidão ;
Ha muito não saudaes a evolução da terra
 A tiros de canhão!

Mandae desentupir, ó reis, essas casernas
 Ao brado de marchar !.

Elles vivem sem nome a vida das tavernas,
Se esquecem de matar.

Os velhos generaes não sonham a victoria
Nem pensam no porvir . . .
Mandae-os despertar pelo clarim da gloria,
A' grita—destruir !.

Sabeis, esses heroes das vastas esplanadas
Precisam de viver,
E como conseguil-o, ás lanças e ás espadas
Não dando de comer ? . .

De mais vai tropeçando á tumba do passado
O sec'lo colossal,
E faz-se necessario o ensaio antecipado
De um grande funeral !

O sec'lo do vapor, do Cenis, da metralha,
Do Krupp e do Suez,

Não póde sepultar-se aos gritos da Canalha,
Como qualquer burguez! . . .

A falta de estrugir de canticos de guerra
Assombra a geração! . .

Vamos! illuminae a evolução da terra
A fôgos de canhão! . . .



CLOWNS



*Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima.
Gwinplaines sarapintados,
Saltem os clowns empoados.
Metros desarticulados
Pelo exercicio da esgrima,
Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima.*

ROAST-BEEF

(A Arthur Azevedo)

Ella tem a belleza, a flacida estructura,
Os contórnos viris, geometricos, altivos,
A branca carnação dos bons modelos vivos
Do magico buril dos Phidias da esculptura.

Resumbra-lhe a epiderme — alvissima textura—
Os philtros sensuaes, os toxicos lascivos,
Que aos martyres da Fé, aos crentes primitivos,
Serviram de adoçar o calix da amargura.

Ao vê-la, não cobiço os ocios d'um nababo,
Nem penso n'um cavallo elastico do Cabo
Para furtal-a ás mãos de um Jonathas patife,

Ouço um côro ideal e harmonico de beijos !
E sinto fervilhar-me o pégo dos desejos
De um Tantaló faminto em face de um *roast-beef* !

A MULHER DO PALHAÇO

(A Alberto de Oliveira)

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão de um sonho vago;
Tenho as tristezas tetricas de Mario
E as solidões sinistras de Carthago !

Nem saiba o mundo ; tabido sudario
Envolve-me a paixão que em mente afago .
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago !

Desconfio de alguém. De longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural de uma acrobata!..

Muita vez á *sahida* dei-lhe o braço. .
E inda tenho presente as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço!

SOBRE UMA PAGINA

Scena tragica

Erecta, macilenta, esqualida, abatida,
Na fronte impressa a dor,
Ella avançou assim,—Medéa precedida
De um cortejo de horror!
E brandia febril, raivando como hyenna
Um ferro nú na mão !.

Foi quando ouviu-se a voz do director de scena :
—Bravo ! bravo. a expressão !

CARLOS TORISCO

O *lazzaroni*, a loura creatura,
Essa creança pequenina e bella,
Concebeu-a Correggio n'uma téla
Ou Gopil n'uma esplendida gravura !

Eu vejo-a quasi sempre, e sempre ao vel-a,
Sinto n'alma . . . não sei ! . . se me afigura
A densa treva de uma noite escura
Varada pelo raio de uma estrella.

— Eil-a ! o peito de fóra, a fronte aberta,
Viva, animada, sobre a têla incerta
Contrafacção bemdita de Gavroche.

Não é somente um sonho da palheta ;
Vive ! e para viver vende a *Gazeta*
A's portas do Cruzeiro e do Deroche.

Rio de Janeiro

CARTA Á VISINHA

Rogo-lhe aqui n'este abraço
Desta carta mal rimada,
Que vá de dia ao terraço
E chegue á noite á sacada.

Pois o moço de monoculo
Que habita o segundo andar,
Dia em que a vê por um oculo
Passa de noite a chorar.

Recife

A LUA

(A Valentim Magalhães)

Tu tens um *que* da tripode inspirada,
Quando, erguida nas lucidas esferas
Como uma copa sobre mim vasada,
Inundas-me de sonhos e chimeras.

Eu déra o beijo das paixões sinceras
Na tua fronte pallida, escalvada
Como a bossa d'um sabio illuminada
Que faz vivenda n'um covil de feras . . .

Eu quebrara-te a taça em holocausto,
Fôras a eleita do meu peito exausto,
Fôras talvez meu unico conforto. . .

Não te visse no pó das elegias,
Nem boiando nas fundas calmarias
 Como um cetáceo morto!

MUSA DA ARCADIA

(A Arthur de Oliveira)

Leôa audaz de válida pujança,
Pezar que pouco custa amordaçal-a,
Não quiz trazer a Musa á tua sala
Para saudar os annos da creança.

Hyl da talvez quizesse ouvir-lhe a fala,
Um riso, um threno, um canto de esperança.
Para outra vez, Arthur, eu trago-a mansa,
Não falta tempo, amigo, heide amansal-a.

Então, vencendo d'Hylda os olhos pretos,
A causa do temor que agora invade-a,
Hade trovar bellissimos tercetos :

—O' Beatriz morena d'outro Dante,
Deus te preserve das canções da Arcadia,
Flôr na beldade, arroio bem falante!

Rio de Janeiro

EM TRAJOS MENORES

Farto de tédio, de illusões descrente,
Deixei os ocios de uma vida gasta ;
Vim habitar um commodo excellente
No bairro onde germina a melhor gente
Da flor burgueza de fidalga casta.

Mandei cortar sem pena o meu cabello,
Aquella cabelleira de poeta !
Tornei-me o *chic* do *leon* modelo,

Deito elegancia de chapéu de pello
Badine, luvas e *lorgnon* — luneta.

Por comprazer de publicar volumes
Ja não traduzo a lyrica hespanhola ;
Detesto o canto — inspiração dos *rhums*,
Fiz do meu estro ferro de dois gumes,
Tornei-me vate da moderna es cola.

• Acero as rimas — dentes — Ugulinos,
O' craneos regiois da suprema boda !
Bruno as espadas — os alexandrinos,
Leio Le Comte ruminando uns hymnos
E adoro os fetos d'esse aborto — a moda.

Entro á uma hora no café Meirelles,
Ponho-me ao facto das questões da berra.
— Vejo defronte as *victimás imbelles*,
Uns tristes bardos que cantaram elles

E a *virgem santa* que restava á terra.

Pobres ! são elles, desditosos Pietros
E as dores fundas que lhes pungem n'alma :
Trovaram virgens em diversos metros,
Hoje carregam as visões dos plectros
Bem como outr'ora do *martyrio a palma*.

Tenho dois pagens—creações divinas!—
Dois pequenotes tremulos moleques ;
Muito pansudos e de pernas finas,
Semelham-se-me aboboras meninas
A caminharem sobre dois espeques.

Filhos da lenda estúpida e sem nome
De um duque Job que amára a mãe mulata,
Os jovens nobres como tinham fome,
Longe do pae que lhes negára o nome,
Vieram servir o bardo democrata.

O menor d'elles—talentão precoce! —
Sofre a nevrose-realismo aguda.
Trucida o romantismo estrophe a estrophe,
Conhece o Zola pelo *Regabofe*
E não supporta uma visita muda.

Recita ponta a ponta o *Saltimbanco*,
Sobe da fralda ao pincaro (prodigio!)
Atira longe, incommodo, o tamanco,
Galga ligeiro o pulpito de um banco
E prega em nome do barrete-phrygio

—Con-ci-da-dãos! . . e fita-me o sobrolho,
Eleva ao ar a pequenina mão,
Gruda um monocl'o de papel n'um olho. . .
E não ha quem não veja no pimpolho
A miniatura exacta do Trovão!

Como dois sóes de madrugada fria

Batem-me á alcova estas *manhans bastardas* ;
E eu saboreio o meu café do dia
Na porcellana branca da alegria
A' luz dos olhos das *auroras pardas*.

Emquanto espero o grito que me chama
A's aguas claras de um banheiro vasto,
Entre as alfombras dos lençoes da cama,
Sigo na pista, como um cão de fama,
Da rima a lebre de que busco o rasto.

A' tarde a bota ao *lazzaroni* engraxo,
Passeio o bairro—imposições da hygiene!—
E' quando a negra da vizinha em baixo
Sacode a lama secca do capacho
Com seu sorriso chronico—á Gwinplaine.

O MONSTRO

O monstro que me rõe
E' d'este clima avesso . .
Como qualquer heroe
Não se esculpiu em gesso.

Como ao revel de Insprück
Eu lhe neguei ingresso,
Mas elle e seu chibuck
Habitam-me, confesso.

Uma argamassa ossea,
Uma fusão de brumas. . .
Eu o defino assim.

O' criação da Escocia,
Emquanto fumas, fumas,
Eu te acclimato — *spleen* !



R U I N A S



*São as aves das ruínas
As almas das coisas mortas.
Como do mar as ondinas
São as aves das ruínas . . .
—Se as illusões que assassinas
Baterem-te às negras portas,
São as aves das Ruínas,
As almas das coisas mortas.*

FLOR DA DECADENCIA

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !
Na tumular mudez d'um povo que descança,
As creações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro :
E' mais uma illusão, um fêretro que avança .
Dizem-me—Deus... Jesus... outra palavra mansa
Depois um som cavado —a enxada do coveiro !

Minha'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demência.

—E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tédio—a flor da decadencia!

SPLEEN

Tenho um phantasma secreto
Como um *virus* deleterio . . .
A's vezes traja de Hamleto
Com scenas no cemiterio.

N'uma idéa que interrogo
Vejo o mal que a mim impelle-a . . .
Fito craneos, monólogo,
Tenho saudades de Ophelia.

As minhas visões passadas,
As andorinhas de outr'ora,
Levantam-se em revoadas
Caminho de nova aurora,

E sobrenada-me e boia
A negra duvida immensa
Como um abutre de Goya
Sobre o cadaver da Crença !.

A's vezes creio que cessa
Dentro em mim uma existencia :
Parece erguer-se uma eça
E uns córos á Providencia !...

Estive pensando agora
Que na verdade eu quizera
Que bem se dêsse em tal hora
A morte de uma Chimera.

A Phantasia—essa magica,
A causa de tudo aquillo,
E' mais ardente e mais tragica
Que Shakspeare e Eschylo !

Um ventre que sempre aborta
E cada abôrto é um louco !. . .
Quem me dera vel-a morta
Torturando-a pouco a pouco !

*
* *

Carregou-me tanto o tedio
Do dia d'hontem, que em summa,
Suppuz-me um vate-epicedio,
Velho fetiche da bruma.

Desbrochou-me a flor da magua
Sobre os pallares da fronte
Como antes da carga d'agua
O claro sol no horizonte.

Quando o crepusculo veio
Tive um raio de esperanza:
Vi o céu rachado a meio
Pelo arco da alliança!..

POMO DO MAL

Dimanam do teu corpo as grandes digitalis,
Os filtros da lascivia e o sensualismo bruto!
Tudo que em ti revive é torpe e dissoluto,
Tu és a encarnação da synthese dos males.

No entanto, toda a vez que o seio te perscruto,
A transbordar de amor como o prazer de um calix,
Assalta-me um desejo, ó gloria das Omphales!
—Morder-te o coração como se morde um fructo!

Então, se dentro d'elle um mal que á dôr excite
Contens de mais que o pomo esteril do Asphaltite,
Eu beberia a dôr nos éstos do delirio !.

E podias-me ouvir, excentrico, medonho,
Como um canto de morte ao rythmo d'um sonho,
O poema da carne a dobres de martyrio!..

1876

UM PROLOGO

Abriram-se-me, internas,
No mar dos meus pensares,
Em brancos nenuphares,
As lyricas modernas.

Deslisem, sempre ternas,
Da foz dos teus olhares,
Em torrencias eternas
Os limpidos cantares !

Se um coração de maguas
Partir-se contra as fraguas
De uns grandes amuletos,

Recebe-o nos teus braços
Desfeito em estilhaços
De murmuros tercetos.

THERMAS DE LUZ

Vou sagrar-te novo canto,
Enxerto de vinha santo,
Que medra em meu coração. .

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

Quando a tormenta do vicio
Rugia como um flagicio,
O' deusa, sob teus pés.

Appareceste-me, e logo
Eu cri na sarça de fogo
De que falava Moysés.

Eu me despira de tudo;
Vivia fechado e mudo
Como a abobada dos céos.

E minhas crenças enfermas
Banhei-as nas tuas thermas
E saturei-me de Deus.

Piscina dos meus luares!
Rolem da foz dos olhares
Meus banhos aos seios nús..

E' tempo, sinto-me exangue,
O corpo banha-se em sangue
Se as almas banham-se em luz.

Em meio da noite feia,
Tive sêde—saciei-a,
Transviei-me — foste o bem . . .

Mas agora, a uma luzerna,
Não lobrigo uma taverna
E tenho fome tambem.

Hoje diz-se de meu nome :
— E' um ébrio que tem fome,
Dão-lhe vinho e pede pão. . . —

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

A' MARGEM DA CORRENTE

Se como um rio o teu olhar me alaga
Toda a minh'alma inunda de esplendores,
E eu deixo-me levar ao tom da vaga,
Cantando a barcarola dos amores,
Como as cheias do sul de plaga em plaga
Ilhas de cantos, passaros e flôres! . . .

Todo meu ser exulta no delirio
De uma alegria doida, inconsciente!

Uma illusão já morta—brota um lirio,
Tudo que vejo — um céu resplandecente! . . .
Espinhos, maguas, dores e martyrios
Vão-me ficando á margem da corrente.

FALAM AS FLORES

I

Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.
D'essas estancias ligeiras
Nós somos as mensageiras.
Depõe-nos nas jardineiras
E ficaremos contigo.
Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.

II

São aves estas chimeras
Com fórmãs de *trioletes*.
Pipilam nas primavéras,
São aves estas chimeras.
Vêm em bando das esphas
Para cantarem-te aos pés. .
São aves estas chimeras
Com fórmãs de *trioletes*.

III

Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.
As *aves* têm seu thesouro,
Possuem as azas d'ouro.
Voaram cantando em côro
As tuas fórmãs ethereas.
Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.

IV

Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.
Nas suas maguas serenas
Douraram-se aquellas pennas.
Não são alegres apenas
Porque de dôr o vestiste.
Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.

V

Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.
Não querem vê-lo nublado,
Não deixam o pó dourado.
Por não vel-o maguado
De tristissimo desgosto,
Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.

VI

Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.
Se não lhe trazeis risadas,
Voltai, canções desoladas.
No peito das bem amadas
Melhor assentam as flôres.
Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.

LOURA E BRANCA

(A. D...)

I

Loura e branca, de lirio na brancura
Parece filha d'um pincel divino !...
A gente, ao vê-la, lembra-se de Urbino,
Tem ímpetos de pôr-lhe uma moldura.

Um garbo de velhice prematura
Nevou de leve a coma d'ouro fino . . .
Meneio e gesto languido e felino,
Firme e correcta a linha da cintura.

Não sei quem fez d'aquillo um ser humano!
Sanzio, juntando um resplendor de aurora,
Faria a *estancia* de seu genio ufano!

Dante. não sei o que faria agora;
Mas Virgilio se a visse, o Mantuano,
Fazia a Deusa que minh'alma adora!..

II

Eleva-me, arreбата-me os sentidos
Se a vejo ou se a contemplo um só momento!
De seu passo o mais leve movimento
Echôa como um canto em meus ouvidos.

Ouço-lhe ás fórmãs, n'um deslumbramento,
A sonata do bello; e nos rugidos
Da cambraia e do linho dos vestidos
Vibram accordes de acompanhamento.

Todo seu corpo musical e adórnos,
Na cadencia d'um rythmo que embala,
Estrugem na harmonia dos contórnos !.

Caminha !—e o canto unisono trescala,
Como por noites de languores mórnos,
Toda a volupia d'um luar de opala! . . .

NOCTURNO

Como nas lendas do Rheno,
O luar das noites claras
Desvenda-lhe as fôrmas raras
E a cabelleira de luz . . .
Quando ella surge-me em sonhos
E' como as vagas ondinas
Que vêm por entre as neblinas
A' flôr dos lagos azues.

E como as leves Walkirias
E as Korrigans da Bretanha,
E' loura como a Allemanha
E branca como o luar . .
O sol que bate nos mares
Fazendo-os de verde louro
Tingiu-lhe os cabellos d'ouro
E os olhos de verde-mar.

A apparição dos meus sonhos,
E' como a sylphide núa
Que baila ao clarão da lua
Por entre as brumas d'um véo . . .
E descem-lhe os fios d'ouro
Ao longo das fórmas bellas
Como, ao luar, das estrellas
Descem os raios do céu.

Fluctúa em lucidos giros,

Avulta, cresce e desmaia,
Como a vaga que se espraia
Sobre as arêas do mar . .
E como a vaga fugace,
Desfeita em flócos de espuma,
Paira no ar uma bruma
Doirada pelo luar.

E como as visões do Rheno,
Ao luar das noites claras,
Desmancham-se as fórmas raras
Pelas miragens azues . .
E da visão de meus sonhos,
Como das vagas ondinas,
Piram no ar as neblinas
Sob a ironia da luz.

NEVROSE

Nessa tristeza morbida, secreta,
Que te afugenta as sombras do repouso,
Eu vejo a hypocondria, a febre infecta
—Florescencias do pantano do gozo.

Por uma noite de luar repleta,
Eu, comtudo, quizera, fervoroso,
Sentir pulsar esta paixão discreta
No bronze do teu seio tormentoso !

Depois . . . morrer! beijando como o pária
Na liça da peleja sanguinaria
A mortalha de lôdo em que se côse!

E's o perfume negro, a flôr do pasmo,
Que no silencio morno do marasmo
Faz-me sonhar os éstos da nevrose! . . .

A MULHER QUE RI

Podeis descer ao circo, esplendida senhora!
Ali, onde o prazer estridulo começa,
Onde revive a farça, onde estrebucha e cessa,
Foi que Gwinplaine riu, o titere que chora.

O riso que entre-abris como u'a flôr sonora
E' um riso farçal, artistico, conheça.
Differe: o lord tinha a mascara da peça,
E vós trazeis no rosto a mascara da aurora.

Podeis transpor, comtudo, ó fina flôr de gaze!
Ao salto, ás ascenções aereas do funambulo,
A rima de punhaes do circulo da phrase.

Transponde ! as multidões saúdam-vos no plectro,
Transponde ! a maldição do ultimo noctambulo
Faz estrugir de longe o látego do metro !

DAMA DAS CAMELIAS

(A....)

Gautier, essa heroína,
Abafas no teu craneo
O tumultuar titaneo
De uma paixão divina.

E, rapido, instantaneo,
Como a explosão da mina,
Represo amor fulmina
O teu viver insano.

Depois. desfolhas, calma,
Um riso agradecido
A's flores da ovação...

E' quando dentro, n'alma,
Irrompe-me incendiado
O fogo da paixão.

1877

A MINHA DOR

Scilencio, ó minha Dôr, que alguém te não aviste

As lagrimas fataes.

A' noite iremos sós colher um riso triste

A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço

E iremos como os bons

Ao circo hoje assistir á estréa de um palhaço
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,
Aos pezames gentis,
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má! laceras cruelmente
Uns pobres corações,
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente
A rir dos histriões!

Depois ao *restaurant*! E como és nova e féra
E eu não te sagro amor,
Lá poderás lançar o pomo de Cythéra...
Eu te conheço, Dôr!

Esperam-te talvez as seducções do vicio,
Os tremedaes do mal,

Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio
Ao choque do crystal.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,
O' Dôr, tu podes vir -
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte
Os cerebros *blazés*,
E's um acinte ao tom, e como a moda o córte,
Eu mudo-te, bem vês.

ADEUS

De uma actriz á platéa do Rio de Janeiro

Vós deveis conhecer os borglias subterraneos
Que a hyperbole do sonho— Alighieri narra . . .
Pois bem, imaginai um oceano de craneos
E sobre elle um batel que despedaça a amarra.

Muito embora da morte o pelago maldito,
Uma Sombra fatal traçou-lhe a negra rota . . .
Pouco importa onde vai; partisse de Coccytho,
Desça as agnas do inferno, — é segura a derrota.

N'esse abysmo medonho, onde as almas revoltas
Confrangem-se bramindo as coleras do horror,
Córpos, boccas crueis, ás escancaras soltas,
Estorcem-se raivando em convulsões de dôr.

Continuo cataclysmo agita-lhe as entranhas . . .
Gritos, imprecações, pela soidão deserta,
Descem nos vagalhões, que vão como montanhas
Sobre a fauce do monstro horrivelmente aberta !

Espectaculo horrendo ! Em ondas de negrume
Rolam nuvens no espaço, onde uma luz não brilha!...
E a marinhagem só, sob um céu de betume !
E as ondas d'esse mar a rebramir na quilha! . . .

O caminho do nada, as eternas viagens,
Lesse embora albatroz na vaga que escabuja,
Conheço aquelle céu, adoro essas paragens,
Guie a Sombra o batel, tambem sou da maruja !

O' multidão convulsa ! em teu rugir eterno
Sinto as notas de horror que esse abysmo desfere !..
O oceano da gloria, o oceano do inferno
Gerou-os um só Deus :—Satan ou Alighieri !

Ah! que eu te sinta sempre o rugido das vagas,
N'este, n'outro, n'aquelle... em qualquer horisonte !
Não me olvides a mim que te abandono as plagas
Atirando um *adeus* como um ob'lo a Charonte !

ESTUDO ANATOMICO

(A Aluizio Azevedo)

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E aprouve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente n'uma mesa onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz; o rosto bello
Pude timido olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello
E não vi coração dentro do peito!

CARVALHO JUNIOR

Um instante, coveiro ! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podes leval-o, a Satanaz, contigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me, sim; nós davamo-nos muito!
Ha mezes abracei-o e nunca mais o vi. . .
Alguem, quem quer que seja ! aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausencia e trouxe-o para aqui.

Vim despedir-me d'elle. (Escuta-me, primeiro.
Tu deves conhecer os mortos que aqui somes;
Muitas vezes Hamleto—a duvida, coveiro,
Visita este lugar interrogando nomes.

Estuda esta cabeça, o principe ha de vê-la;
Repara bem, é loura, esplendida, a Van-Dick!
Pois bem, gasta a mortalha, então roida a tela,
Não tomes Baudelaire por um jogral—Yorick!)

Vim despedir-me, pois! A morte já começa
A martellar caixões na porta dos atheus!..
Sentido, batalhões! cahiu uma cabeça...
Que importa uma victoria ás legiões de Deus?...

A GRANDE VIAGEM

Eis-nos em alto mar, a todo o panno !
Mas onde vamos nós e quem nos leva ?
Que escuridão é esta d'esta treva
Que turva as ondas d'este negro oceano ? . . .

E mais e mais augmenta-se a jornada !
E diante de nós nem uma vela,
E por cima de nós nem uma estrella
Nos allumia o Maelstron do nada ! . .

E todos perguntamos:—d'onde viemos?.

Os corações mergulham como sondas,

A marinhagem fita o céu e treme!

E vamos, vamos ! nada mais sabemos ;

Senão só que nos guia n'estas ondas

A morte —o capitão que vai ao leme.

INDICE

MUSA LIVRE

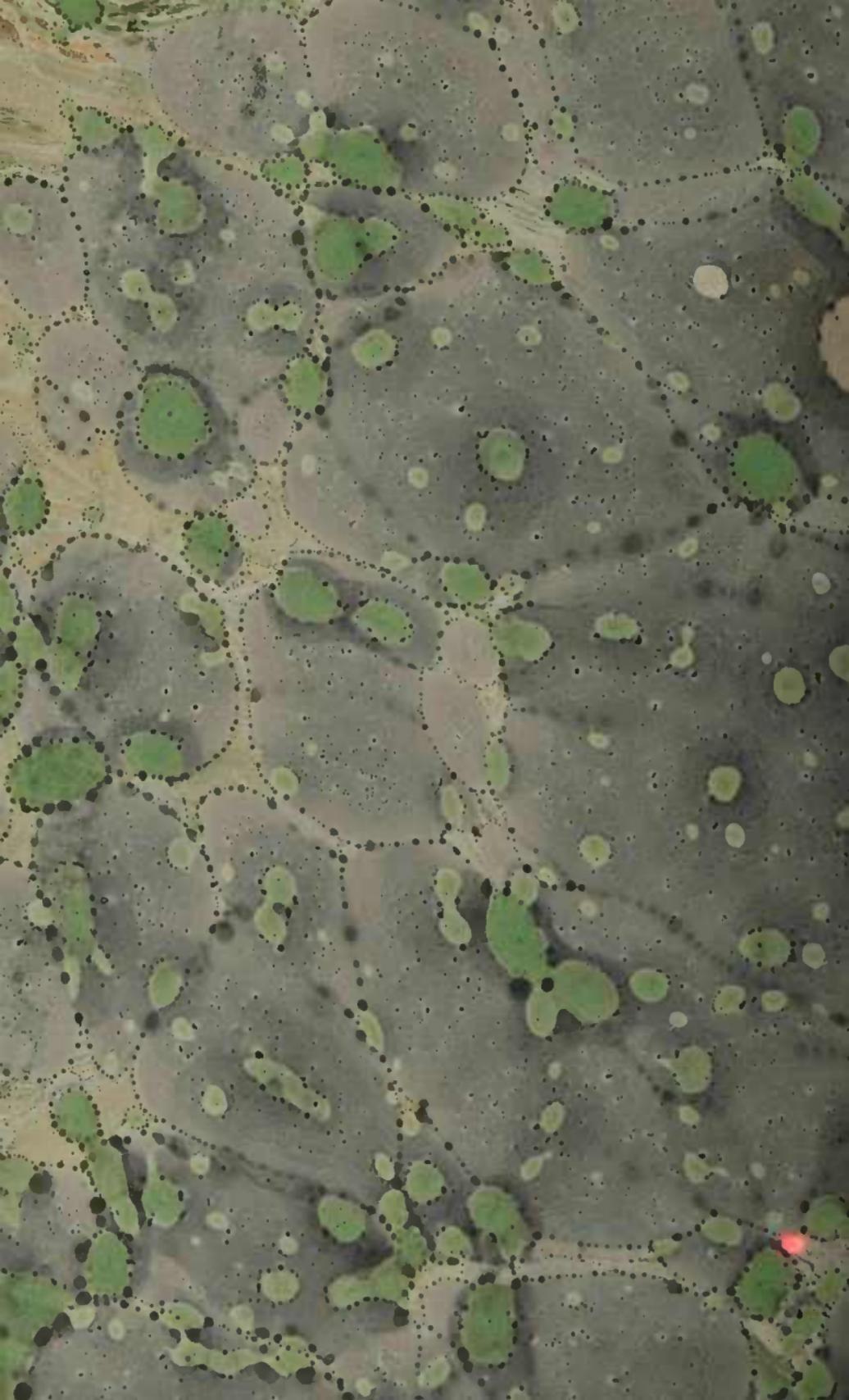
	Pag.
Musa livre..	13
Tiradentes..	15
O velho Deus..	20
Massas de bronze..	25
Orphée aux enfers.....	27
O imperador em Minas.	29
A' liça!..	31
Avé, Italia!.....	33
Fiat lux!..	41
Junto de um morto..	45
El-rei Cartaphilo.	47
A morte de Gerard de Nerval.	49
Lux et tenebra.	53
Monologo de um sceptico.	57
A' morte de um heroe...	59
A' guerra..	61

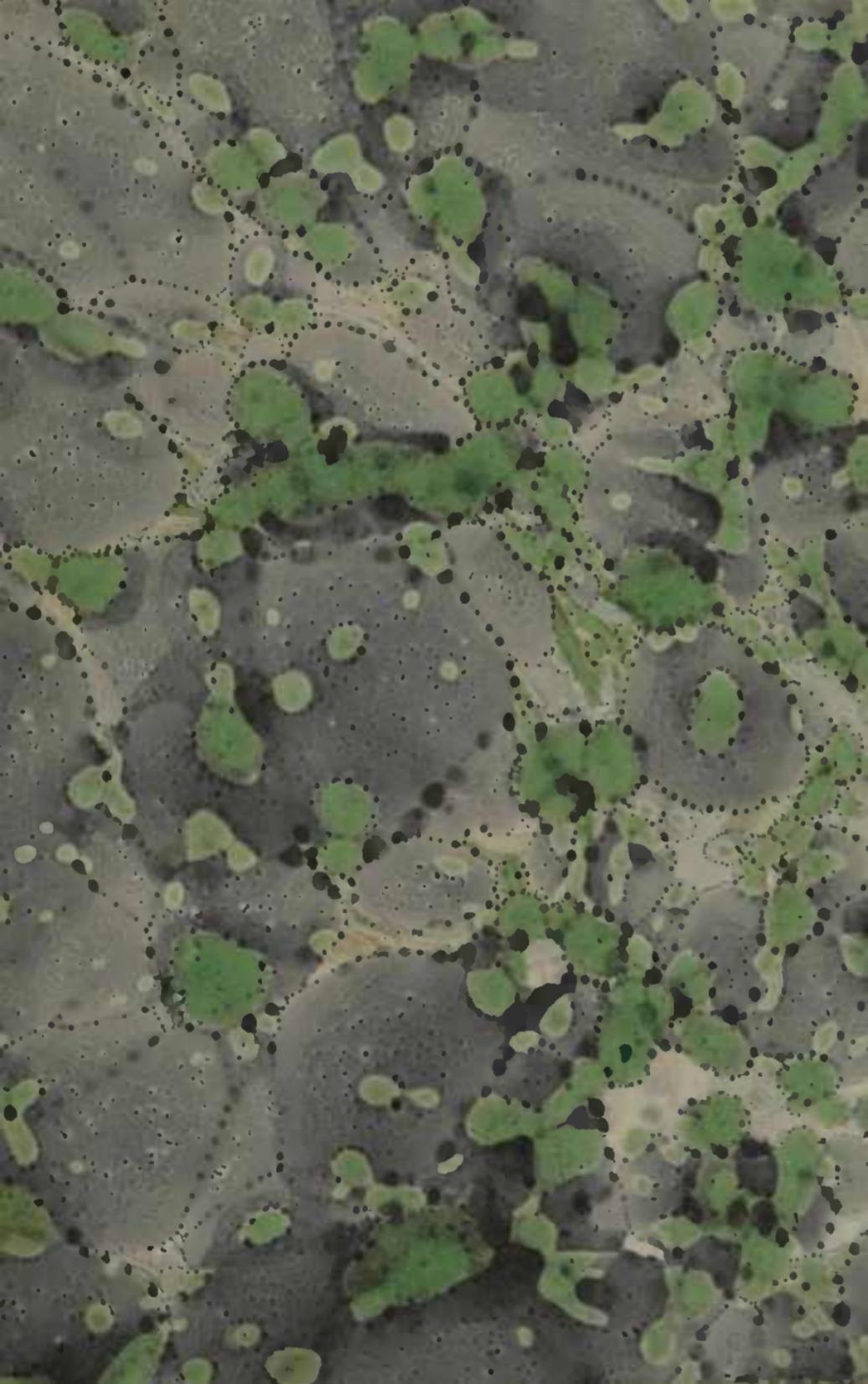
CLOWNS

Roast-beef.	69
A mulher do palhaço.... .	71
Sobre uma pagina..	73
Carlos Torisco.	75
Carta á visinha..	77
A lua.... .	79
Musa da Arcadia..... .	81
Em trajos menores.. . . .	83
O monstro.... .	89

RUINAS

Flôr da decadencia.	95
Spleen	97
Pomo do mal..... .	101
Um prologo.	103
Thermas de luz..... .	105
A' margem da corrente.	109
Falam as flôres.	111
Loura e branca.	115
Nocturno	119
Nevrose	123
A mulher que ri.	125
Dama das camélias..... .	127
A minha dor..... .	129
Adeus	133
Estudo anatomico.... .	137
Carvalho Junior.	139
A grande viagem..	141







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).